



A BANCARROTA ECONÓMICA E A MANEIRA PROLETÁRIA DE A COMBATER

Ninguém neste país poderá negar a situação de bancarrota económica em que Portugal está mergulhado. A crise é geral, atinge praticamente todos os sectores e ramos da indústria e reflecte-se nos sistemas monetário e financeiro. Toda a gente o sabe, o povo sente-o, os ministros e os jornais não o escondem.

Passaram quase dois anos depois das primeiras promessas feitas pela camarilha spinolista e nada foi feito contra a fome, a miséria e o desemprego que se agravam sem cessar. Os partidos burgueses abraçados em sucessivas coligações governamentais abriram falência tal qual um grande número de empresas, nenhum deles foi capaz de tomar uma única medida que melhorasse a vida do povo.

O resultado da sua política económica está à vista. Fábricas fechadas, empresas paralizadas e máquinas paradas, apenas 3 em cada 10 empresas têm um funcionamento normal. Um em cada 5 operários não tem trabalho. Sem contar com os retornados pobres existem cerca de 600 000 desempregados no nosso país. O descalabro é grande, uma enorme quantidade de forças produtivas foram destruídas.

Em consequência da anarquia da produção capitalista, o PNB (produto nacional bruto) ou seja aproximadamente a produção global da sociedade sofreu uma quebra acentuada da ordem dos 15 % segundo algumas fontes estatísticas da burguesia, o que condiz, aliás, com a enorme destruição das forças produtivas. Com o aumento natural da população e a chegada de algumas centenas de milhar de retornados, isto significa que há mais bocas para um bolo mais pequeno.

Sendo toda a riqueza deste país produzida pelas mãos dos operários e camponeses e apropriada por um punhado de parasitas que é dono e senhor de todos os meios de produção da sociedade, das fábricas às terras, nenhuma solução poderá combater a crise que não passe pela confiscação das terras dos latifundiários, grandes agrários e demais contra-revolucionários, e das fábricas aos capitalistas monopolistas. Só assim poderá surgir uma unidade de tipo novo entre a força de trabalho e os meios de produção da sociedade capaz de revolucionarizar toda a produção.

Os sucessivos governos provisórios nada fizeram para minorar a situação de crescente miséria do povo. Mostrando bem a sua natureza de classe, têm-se sempre oposto às soluções apresentadas pelo povo. E a quem se têm eles aliado e pedido «ajuda»? precisamente aos piores inimigos dos povos de todo o mundo — o imperialismo americano e o social-imperialismo revisionista soviético.

O partido dito «Socialista» e o partido dito «Popular Democrático» não só defendem os interesses desses abutres imperialistas não lhes tocando num cêntimo sequer do seu capital, como ainda se disputam as «amizades» com eles e com o imperialismo europeu, velhos exploradores e opressores do povo português.

Por seu turno, o partido de Barreirinhas deita os olhos para o seu patrão do Kremlin, tendo assinado com ele as mais sujas negociatas nas costas do povo. Todos nos lembramos dos casos da venda da sardinha de Matosinhos e da venda de madeira que não precisávamos para nada, bem como da compra ou quase oferta do nosso vinho e algum calçado. Comprar barato e vender caro, eis a política dos social-imperialistas revisionistas soviéticos. A venda do petróleo a um preço três vezes superior ao comprado aos povos árabes, os últimos casos da Aeroflot e da Aminter que pretendem entregar nas mãos dos revisionistas os nossos transportes aéreos e marítimos, eis a verdadeira face das «ajudas» do Kremlin.

O estreitar de relações políticas e económicas com o imperialismo e o social-imperialismo assemelha-se aos abraços que os lobos costumam dar aos cordeiros. Assim, a balança comercial, ou seja, o resultado das compras e vendas de mercadorias com o estrangeiro acusa um déficit de mais de 48 milhões de contos favorável a esses «amigos» onde se contam já os social-imperialistas revisionistas soviéticos com um crédito de mais de um milhão de contos.

Mas a hipocrisia dos partidos burgueses vai ao ponto de propangandear estas famosas «ajudas» que somadas aos empréstimos externos reforçam a ideia por eles agitada de que temos o capital estrangeiro connosco. Tal mentira e tal descarada agressão ideológica contra o povo, a própria realidade dos factos se vai encarregando de desfazer em mil pedaços.

Então se isso é assim como dizem, a que é que se deve a hemorragia de divisas que já levou ao seu esgotamento? Para onde foram e em que bolsos caíram? Que outras garantias são dadas aos imperialistas e social-imperialistas pelos seus empréstimos «desinteressados» a altas taxas de juro senão as próprias reservas de ouro de que uma parte já está «cativa» e que pelo mesmo caminho das reservas em moeda estrangeira acabarão por se esgotar? Depois das eleições qual a medida monetária que os partidos burgueses vão propor e que já trazem na manga? É ou não é a desvalorização do escudo e o aumento dos preços dos bens e serviços produzidos pelas empresas nacionalizadas? Por mais teorias que os economistas burgueses teçam esta é a realidade e eles não podem esconder que esse é também o preço dos «auxílios» externos.

O orçamento do estado dos parasitas apresentou um défice de 32,4 milhões de contos no último ano contra 11,2 milhões em 1974. Para os operários, camponeses e povo trabalhador isto significa que o aumento dos impostos e das taxas e sobretaxas que ajudaram a subir os preços não chegaram para cobrir as enormes despesas com a máquina burocrática, militar e repressiva da burguesia. E que novos aumentos de impostos e de preços se tornam necessários para pagar entre outras coisas à «extinta» e ressuscitada polícia de choque. Na cabeça do ministro das finanças a coisa também se vai resolvendo com o fabrico de quantidades massivas de papel moeda cujo efeito mais certo é o agravamento do custo de vida das grandes massas. A mesma quantidade de dinheiro comprará menos coisas.

Será que a burguesia tem algum plano económico para debelar a crise? o seu primeiro-ministro já disse publicamente que não tinha nenhum, a não ser aguentar o barco, não fosse o almirante!

E a classe operária, o nosso Partido, o MRPP, tem ou não um programa para varrer os parasitas e fazer face à crise? Tem. Esse programa é conhecido de todos e pode começar a ser aplicado. Milhares de proletários começaram a pô-lo em prática.

Os proletários agrícolas e os camponeses pobres quando avançam na ocupação das terras dos latifundiários e grandes agrários, quando se erguem contra a política de fome e miséria dos partidos burgueses e traidores incendiando-lhes as sedes, ainda que não tenham disso consciência é o programa do nosso Partido que eles estão a aplicar contra o programa do partido do russo branco Barreirinhas Cunhal que lhes roubou o vinho, os votou à miséria e quer devolver as terras ocupadas aos latifundiários em lotes de 500 hectares cada um. Contra este programa de desocupações que também é partilhado pelos outros partidos burgueses se erguerá o nosso Partido, empunhando firmemente a bandeira da resistência camponesa contra as desocupações e avançando nas conquistas do movimento camponês.

Os proletários da indústria quando dão os primeiros passos do controlo operário nas fábricas contra o controlo social-facista dos operários, não vergando aos seus ditames, e quando levam à prática a semana das 40 horas é ainda o programa do nosso Partido que eles executam. Foi o MRPP que em Portugal, ainda antes do 25 de Abril, ergueu a bandeira da semana das 40 horas, sob a qual se vão levantar, unir e lutar mais de um milhão de proletários do nosso país.

O Controlo Operário é a única reforma capaz de minorar a fome, a miséria e o desemprego. A burguesia nunca a fará. Só de pensar que toda a economia pode ser dirigida pelos órgãos livremente eleitos pelos operários e camponeses a enche de pavor. Só de pensar que os camponeses organizados nas suas cooperativas podem vender directamente os seus produtos às cooperativas de consumo dos bairros populares e trocar directamente alguns deles por máquinas, ferramentas, adubos, etc, e que todo este processo lhe foge das mãos, lhe escapa à sua rede bancária nacionalizada dela e sorvedeira da mais-valia criada pelo povo trabalhador, a faz tremer de medo.

Aos social-fascistas, tal reforma também não lhes interessa, eles querem manter intactos todos os instrumentos de exploração para os colocarem ao serviço dos seus patrões do Kremlin. Nas empresas nacionalizadas, nos bancos, nas herdades colectivas, nas cooperativas, etc, eles infiltram os seus lacaios para submeterem a nova ordem económica que os explorados querem construir, enquanto congeminam nos aparelhos militares e policiais um novo golpe que ponha tudo isto ao seu dispor.

O MRPP tem um programa económico que impõe o trabalho obrigatório para todos, não só para os desempregados, para os retornados e emigrantes que foram expulsos da nossa pátria por não terem trabalho, mas também àqueles que nunca trabalharam e não querem trabalhar, vivendo do suor do povo trabalhador. A imensa maioria do Povo quer esse programa, o MRPP, a sua fracção comunista no Parlamento que o povo deve impor pelo voto, tudo fará para que ele seja cumprido.

VIVA O CONTROLO OPERÁRIO !

VIVA A SEMANA DAS 40 HORAS !

VIVA O MOVIMENTO CAMPONÊS !

VIVA O MRPP !

Lisboa, 5 de Abril de 1976

SECRETARIADO NACIONAL
DA CANDIDATURA OPERÁRIA
DO MRPP

Lê, a propaganda do Secretariado Nacional da Candidatura Operária.

I / À GLORIOSA CLASSE OPERÁRIA

A publicar:

A FALÊNCIA DOS PARTIDOS GOVERNAMENTAIS

ABM